



DAVID LEVITHAN

Autor do bestseller do New York Times *A Cada Dia*

MAIS  
UM  
DIA



TOP  
SEL  
LER

O VERDADEIRO AMOR  
NÃO TEM REGRAS,  
NEM GÊNERO, NEM ROSTO.



*Para o meu sobrinho, Matthew  
(que encontres a felicidade a cada dia)*

## PRIMEIRO CAPÍTULO

**E**stou a vê-lo entrar de carro no parque de estacionamento. Estou a vê-lo sair do carro. Estou na visão periférica dele, a passar para o centro — mas ele não está à minha procura. Está a caminhar para a escola sem reparar que estou aqui. Podia chamá-lo, mas ele não gosta. Diz que só as miúdas carentes fazem isso, sempre a chamarem os namorados.

Dói-me estar tão cheia dele quando ele está tão vazio de mim.

Será que ele não me procura por causa desta noite? Será que ainda estamos chateados? Como a maioria das discussões, foi por causa de uma estupidez qualquer, com outras coisas nada estúpidas subjacentes. Eu só lhe perguntei se ele queria ir à festa do Steve no próximo sábado. Mais nada. E ele perguntou-me porque é que, no domingo à noite, já eu lhe perguntava do próximo sábado. Disse que estou sempre a fazer isso, a tentar prendê-lo, como se ele não quisesse estar comigo se eu não lhe perguntar com meses de antecedência. Eu disse-lhe que não tenho culpa de ele ter sempre medo de fazer planos, medo de pensar no que vem a seguir.

Erro crasso. Dizer que ele tem medo foi um erro crasso. Provavelmente até foi a única palavra que ele ouviu.

— Não fazes ideia do que estás para aí a falar — disse ele.

— Eu estava a falar da festa em casa do Steve no sábado — disse-lhe eu, a voz demasiado transtornada para qualquer um de nós. — Mais nada.

Mas não foi mais nada. O Justin ama-me e odeia-me como eu o amo e odeio. Sei disso. Ambos temos coisas que nos chateiam, e nunca devíamos fazer uso delas mas, por vezes, não conseguimos evitar. Conhecemo-nos demasiado bem, mas nunca bem o suficiente.

Estou apaixonada por alguém que tem medo do futuro e, que nem uma tolinha, estou sempre a falar disso.

Vou atrás dele. Claro que vou. Só uma miúda carente ficaria zangada com o namorado porque ele não reparou nela no parque de estacionamento.

A caminho do cacifo dele, pergunto-me qual o Justin que vou encontrar. Provavelmente não será o Justin Doce, porque é raro o Justin Doce aparecer na escola. Esperemos que não seja o Justin Zangado, porque eu não fiz nada assim tão mal, acho eu. Espero que seja o Justin Na Boa, porque gosto do Justin Na Boa. Quando está por perto, todos nos podemos acalmar.

Fico ali espedada enquanto ele tira as botas do cacifo. Olho para a nuca dele porque estou apaixonada pela nuca dele. Há algo de tão físico nela, algo que me dá vontade de me aproximar e de a beijar.

Finalmente, ele olha para mim. Não consigo interpretar-lhe a expressão, assim à primeira, não. É como se ele me estivesse a entar descortinar ao mesmo tempo que o estou a descortinar

a ele. Talvez seja bom sinal, porque talvez signifique que ele está preocupado comigo. Ou será mau sinal, porque ele não compreende porque é que aqui estou.

— Então — diz ele.

— Então — digo eu.

Há qualquer coisa de muito intenso na maneira como ele olha para mim. De certeza que está a achar defeito. Para ele há sempre defeitos.

Porém, ele não diz nada. Coisa esquisita. Ainda mais esquisita, quando ele pergunta:

— Estás bem?

Devo estar com ar de desgraçadinha para ele me perguntar isto.

— Na boa — respondo. Porque não sei qual deve ser a resposta. Eu não estou nem bem nem na boa, esta é que é a resposta. Mas não é a resposta certa para lhe dar.

Se isto for uma espécie de rasteira, não me agrada nada. Se for para se pagar de alguma coisa que eu tenha dito esta noite, quero isso despachado.

— Estás zangado comigo? — pergunto, sem a certeza de querer saber a resposta. E ele responde:

— Não. Não estou nada zangado contigo.

Mentiroso.

Quando temos problemas, geralmente sou eu a vê-los. Sou eu a ralar-me pelos dois. Só não lhe posso dizer isso com frequência, porque senão é quase como se estivesse a gabar-me de compreender o que se passa e ele não.

Incerteza. Pergunto ou não pergunto desta noite? Ou finjo que não aconteceu? Que nunca acontece?

— Ainda queres almoçar hoje? — pergunto. Só depois de perguntar é que percebo que estou a tentar fazer planos outra vez.

Se calhar até sou uma miúda carente.

— Completamente — diz o Justin. — Almoçar seria ótimo. Tretas. Está a gozar comigo. Só pode estar.

— Não tem nada de mais — acrescenta ele.

Olho-o, e parece-me genuíno. Se calhar faço mal em depreender o pior. E se calhar fi-lo sentir-se estúpido por estar tão admirada.

Pego-lhe na mão. Se estiver disposto a descartar esta noite, eu também estou. É isto que nós fazemos. Quando as estúpidas das discussões acabam, ficamos bem.

— Ainda bem que não estás zangado comigo — digo-lhe. — Só quero que tudo fique OK.

Ele sabe que o amo. Eu sei que ele me ama. Nunca foi essa a questão. A questão é sempre como é que lidamos com isso.

Horas. Dá o toque. Tenho de lembrar a mim própria que as aulas não existem apenas para nos darem um ponto de encontro.

— Até logo — diz ele.

Agarro-me a isso. É a única coisa que me vai ajudar a superar o espaço vazio que se segue.

Estava a ver uma das séries de que gosto e uma das donas de casa disse «Ele é um aselha, mas é o meu aselha», e eu pensei «Ora, bolas, não devia identificar-me com isto, mas identifico, e depois?» O amor só pode ser isto — ver a desgraça que ele é e amá-lo mesmo assim, porque sabemos que também somos uma desgraça, talvez até pior.

Ainda nem tinha passado uma hora na nossa primeira saída de namorados, já o Justin fazia soar o alarme.

— Estou a avisar-te: eu só trago sarilhos — disse ele ao jantar no TGI Fridays. — Sarilhos pegados.

— E avisas as raparigas todas? — retorqui eu, toda sedutora. Mas em troca não recebi seduções. Era a sério.

— Não — respondeu ele. — Não aviso.

Era a sua maneira de me dizer que gostava de mim. Logo ao princípio.

Não era intenção dele dizer-me. Mas lá estava.

Mesmo que ele já se tenha esquecido de muitos outros por menores dessa primeira saída, nunca se esqueceu do que disse.

«Eu avisei-te!», berra-me ele nas noites em que as coisas correm mal, mesmo mal. «Não digas que não te avisei!»

Por vezes isto só me faz abraçá-lo com mais força.

Outras vezes já o larguei, a sentir-me péssima por não haver nada que eu possa fazer.

A única altura em que os nossos caminhos se cruzam é entre a primeira e a segunda aula, e vou à procura dele. Só temos um minuto para os dois, por vezes menos, mas sinto-me sempre grata. É como se respondesse à chamada. Amor? Aqui! Mesmo estando cansados (praticamente sempre), e mesmo não tendo muito que dizer, eu sei que ele não passa por mim sem me falar.

Hoje sorrio porque, tendo em conta isto tudo, a manhã até correu bastante bem. E ele sorri-me também.

Bons sinais. Estou sempre à procura de bons sinais.

Vou para a sala do Justin assim que acaba a quarta aula, mas ele não esperou por mim. Por conseguinte, vou para o refeitório, para onde nos costumamos sentar. Também não está lá. Pergunto à Rebecca se o viu. Ela diz que não, e não parece admirada por me ver à procura. Decido não ligar. Vou ao meu cacifo e ele não está lá. Começo a pensar que se esqueceu, ou que

estava a gozar comigo. Decido ir ver ao cacifo dele, embora fique praticamente no extremo oposto do refeitório. Ele nunca lá vai antes do almoço, mas parece que hoje foi, porque lá está ele.

Estou contente por vê-lo, mas também cansada. Dá uma trabalhadeira, isto. Ele está com pior ar do que eu me sinto, a olhar para o cacifo como se houvesse lá uma janela. Para alguns, isto seria sonhar acordado. Ora, o Justin não sonha acordado. Quando vai para longe, fica mesmo longe.

Agora voltou. Mesmo quando chego ao pé dele.

— Então — diz ele.

— Então — digo eu.

Tenho fome, mas não tenho assim tanta fome. O mais importante é estarmos no mesmo sítio. Isso posso fazer em qualquer lugar.

Ele está a guardar os livros todos no cacifo, como se tivesse despachado o dia. Espero que não haja nada de mal. Espero que ele não esteja a desistir. Se é para eu ficar aqui presa, também o quero aqui preso.

Ele levanta-se e põe-me a mão no braço. Levemente. Levemente de mais. É coisa que eu lhe costumo fazer, não é coisa que ele me faça. Agrada-me, mas também não me agrada nada.

— Vamos a algum lado — diz ele. — Aonde queres ir?

Mais uma vez, acho que deve haver uma resposta certa para esta pergunta e que, se eu não acertar, vou estragar tudo. Ele quer qualquer coisa de mim, mas eu não sei o que é.

— Não sei — respondo-lhe.

Ele tira-me a mão do braço e eu penso, pronto, resposta errada. Mas depois ele pega-me na mão.

— Vamos embora — diz ele.

Há eletricidade nos olhos dele. Energia. Luz.

Ele fecha o cacifo e puxa-me para a frente. Não compreendo. Estamos a caminhar de mão dada pelos corredores quase vazios. Nós nunca fazemos isto. Ele abre um sorriso na cara e vamos mais depressa. É como se fôssemos miúdos no intervalo. A fugir, a fugir mesmo, pelos corredores fora. Olham para nós como se fôssemos doidos. É uma parvoíce. Ele faz-nos passar pelo meu cacifo e manda-me lá deixar os livros também. Não compreendo, mas alinhado — ele está bem-disposto, não quero fazer nada que estrague isso.

Depois de fechar o cacifo, continuamos. Saímos porta fora. Tão simples quanto isso. Fugimos. Estamos sempre a dizer que queremos ir embora, e desta vez vamos mesmo. Calculo que ele me leve a comer pizza ou algo assim. Talvez cheguemos atrasados à quinta aula. Chegamos ao carro dele e nem sequer me apetece perguntar o que estamos a fazer. Só me apetece deixá-lo fazer.

Ele vira-se e pergunta:

— Aonde queres ir? Diz-me, a sério, aonde te apetece ir.

Estranho. Ele pergunta-me como se fosse eu a saber a resposta certa.

Espero bem que não seja rasteira. Espero bem não me vir a arrepender disto.

Digo a primeira coisa que me vem à cabeça.

— Quero ir ver o mar. Quero que me leves a ver o mar.

Fico à espera que ele se ria e diga que afinal quer que vamos para casa dele na ausência dos pais e que passemos a tarde a fazer sexo e a ver televisão. Ou que esteja a defender a sua posição de não fazer planos, para me provar que eu gosto mais de espontaneidade. Ou que me mande divertir no mar enquanto ele vai almoçar. Tudo isto são possibilidades, e todas se desenrolam ao mesmo tempo na minha cabeça.

Só não estou à espera de que ele pense que é boa ideia.

— Está bem — diz ele, a sair do parque de estacionamento. Ainda penso que está a gozar, mas depois pergunta-me qual é o melhor caminho. Digo-lhe qual a autoestrada a seguir. Há uma praia onde a minha família ia muito no verão e, se formos mesmo ver o mar, mais vale ser lá.

Enquanto ele conduz, vê-se bem que está a divertir-se. Isto devia deixar-me à vontade, mas só me deixa nervosa. Seria típico do Justin levar-me a um sítio mesmo especial só para me dar tampa. Fazer disso grande alarido. Talvez deixar-me lá sozinha. Não estou realmente a pensar que isto vá acontecer — mas é possível. Como forma de me provar que sabe fazer planos. Como forma de me mostrar que não tem medo do futuro como eu disse que tinha.

«Estás a ser tonta, Rhiannon», digo de mim para comigo. É coisa que ele me está sempre a dizer. Muitas das vezes, tem razão.

«Aproveita lá», penso eu. Porque não estamos nas aulas. Estamos juntos.

Ele liga o rádio e diz-me que escolha a música. O quê? «O carro é meu, o rádio é meu», quantas vezes é que o ouvi dizer isto? Mas parece que esta proposta é genuína, portanto vou passando as frequências, a tentar qualquer coisa que lhe agrade. Quando fico numa canção de que gosto, ele pergunta:

— Porque não essa?

E eu penso «Porque tu detestas». Mas não digo em voz alta. Deixo a música tocar. Fico à espera que ele faça uma chalaça qualquer, diga que a cantora mais parece estar com o período.

Antes pelo contrário, ele desata a cantarolar.

Incredulidade. O Justin *nunca* desata a cantarolar. Grita com o rádio. Berra àquilo que os locutores estiverem a dizer. De vez em quando até pode tamborilar no volante. Mas ele não *canta*.

Será que meteu alguma coisa? Mas eu já o vi ganzado, e nunca ficou assim.

— O que é que te deu? — pergunto.

— A música — diz ele.

— Ah.

— Não, a sério.

Não está a gozar. Não está a rir-se de mim algures por dentro. Estou a olhar para ele e consigo ver isso. Não sei o que se está a passar, mas não é isso.

Decido ver a que ponto posso chegar com isto. Porque é isso que uma miúda carente faz.

— Nesse caso... — digo eu. Passo as frequências até encontrar a música que menos se pareça com o Justin.

E lá está. Kelly Clarkson. A cantar sobre o que não nos mata e só nos deixa mais fortes.

Aumento o volume. Na minha cabeça, desafio-o a cantarolar. Surpresa.

Estamos a cantar a plenos pulmões. Não faço ideia de como é que ele sabe a letra, mas não questiono. Estou a cantar com todo o meu ser, não sabia que podia adorar esta canção como adoro neste momento, porque está a ficar tudo bem — está a deixar-nos bem. Recuso-me a pensar em qualquer outra coisa. Quero que fiquemos dentro da canção. Porque nunca fizemos uma coisa destas e sabe maravilhosamente bem.

Quando termina, baixo o vidro da janela — quero sentir o vento no cabelo. Sem uma palavra, o Justin baixa os vidros todos, e é como se estivéssemos num túnel de vento, como se fosse um parque de diversões, quando realmente não passa de um carro na autoestrada. Ele parece tão feliz. Faz-me pensar na raridade que é vê-lo feliz, feliz como se não houvesse mais nada na

cabeça dele além da felicidade. Geralmente ele tem tanto medo de a mostrar, com se lha pudessem roubar a qualquer momento.

Ele pega-me na mão e começa a fazer-me perguntas. Perguntas pessoais. Começa com:

— Como estão os teus pais?

— Hum... não sei — respondo. Ele nunca se ralou com os meus pais. Sei que quer que eles gostem dele, mas como não sabe bem se gostarão, finge que não se interessa. — Quer dizer, tu sabes como é. A minha mãe está a tentar segurar tudo sem fazer propriamente coisa alguma. O meu pai tem dias, mas não é propriamente uma pessoa divertida. Quanto mais velho fica, menos parece ralar-se com o que quer que seja.

— E como é com a Liza na faculdade?

Quando ele faz esta pergunta, é como se tivesse orgulho por se lembrar do nome da minha irmã. Já soa mais como o Justin.

— Não sei — respondo. — Tu sabes que nós éramos mais como irmãs a fazer tréguas do que amigas do peito. Não sei se tenho assim muitas saudades dela, embora fosse mais fácil com ela por perto, porque assim éramos duas, sabes? Ela nunca telefona para casa. Mesmo quando a minha mãe lhe liga, ela nunca devolve a chamada. Não a posso censurar, de certeza que tem mais que fazer. Sinceramente, sempre soube que, quando ela saísse de casa, nunca mais a veríamos. Não estou chocada nem nada.

Apercebo-me, conforme vou falando, de que estou a pôr o dedo na ferida, a falar do que acontece quando acaba o secundário. Mas parece que o Justin não está a levar a peito. Em contrapartida, pergunta-me se a escola me parece muito diferente do ano passado. Pergunta esquisita. Algo que a minha avó me perguntaria. Não o meu namorado.

Vou por tentativa e erro.

— Não sei. A escola é uma seca. Isso não mudou, mas, sabes... Mesmo que eu só queira que acabe, também me aflige tudo o que vem depois. Não é que eu tenha feito planos. Não fiz. Sei que tu pensas que eu tenho montes de planos mas, se prestares atenção ao que tenho feito para me preparar para a vida depois do secundário, só vês um vazio enorme. Estou tão despreparada como qualquer outra pessoa.

«Cala-te, cala-te, cala-te», digo de mim para comigo. «Porque é que estás a falar nisto?»

Mas talvez eu tenha uma razão. Talvez eu fale nisto para ver o que ele faz. Ele passa a vida a pôr-me à prova, mas eu também não sou propriamente uma inocente nessas coisas.

— O que é que tu achas? — pergunto-lhe, e ele responde:

— Sinceramente, estou só a tentar viver o dia a dia.

Eu sei, mas aprecio mais quando ele o diz, numa voz a reconhecer que estamos do mesmo lado. Fico à espera que ele diga mais, que mencione a discussão desta noite, mas não. Sinto-me grata.

Já passou mais de um ano, e já houve, pelo menos, umas cem vezes que disse a mim mesma que é isto — isto é começar de novo. Umhas vezes, acertei, mas não tantas quantas gostaria.

Não me vou permitir achar que as coisas estão melhores, de repente. Não me vou permitir achar que, de algum modo, escapámos ao nós que acabamos sempre por ser. Porém, em simultâneo, não vou negar o que está a acontecer. Não vou negar esta felicidade. Porque, se a felicidade parecer real, quase não importa se é real ou não.

Em vez de inserir o destino no telemóvel, ele pede-me que continue a dar-lhe indicações. Faço borrada e digo-lhe que saia da autoestrada na saída anterior mas, quando me apercebo, ele não se passa da cabeça — volta simplesmente à autoestrada

e avança para a saída seguinte. Agora já não acho que ele tenha consumido droga — acho que andará a tomar *medicamentos*. Se assim for, estão a fazer efeito bem depressa.

Não digo palavra. Não quero azarar isto.

— Eu devia estar na aula de Inglês — digo eu quando viramos a última curva antes da praia.

— Eu devia estar na de Biologia — diz o Justin.

Ora, isto é mais importante. Posso inventar trabalhos de casa, mas não posso inventar a minha vida.

— Vamos só passar um bom bocado — diz ele.

— Está bem — digo eu. — Agrada-me. Passo tanto tempo a pensar em fugir que é bom fazê-lo mesmo. Por um dia. É bom estar do outro lado da janela. Não faço isto vezes suficientes.

Talvez fosse disto que nós estávamos precisados. Distância de tudo o resto, e proximidade um do outro.

Há qualquer coisa a dar certo aqui — eu sinto-a a dar certo.

Recordação. Esta é a praia onde a minha família vinha, nos dias em que a casa ficava muito quente ou os meus pais se fartavam de ficar no mesmo sítio. Quando vínhamos para cá, ficávamos rodeados por outras famílias. Eu gostava de imaginar que cada uma das nossas toalhas era uma casa e que certo número de toalhas constituía uma cidade. De certeza que havia uns miúdos que eu estava sempre a ver, cujos pais também os traziam para cá, mas não me consigo lembrar de nenhum agora. Só me consigo lembrar da minha própria família — a minha mãe sempre debaixo do chapéu, porque não queria queimar-se ou não queria ser vista; a minha irmã a pegar num livro e a ficar dentro dele o tempo inteiro; o meu pai a falar com os outros pais sobre desporto ou a bolsa. Quando ficava muito quente, ele fazia

uma corrida comigo até à água e perguntava-me que espécie de peixe eu queria ser. Eu sabia que a resposta certa era «peixe voador» porque, se lhe dissesse isso, ele pegava-me ao colo e lançava-me ao ar.

Não sei porque é que nunca trouxe cá o Justin. No verão passado ficámos em casa, à espera que os pais dele saíssem para trabalhar para podermos fazer sexo em cada divisão da casa, incluindo alguns roupeiros. Depois, quando terminávamos, ficávamos a ver televisão ou a brincar com jogos de vídeo. Por vezes íamos a outras casas saber o que andavam os outros a fazer e, quando os pais dele voltavam do trabalho, estávamos em casa de alguém a beber ou a ver televisão ou a jogar ou qualquer mistura das três atividades. Era ótimo, porque não havia aulas, e estávamos um com o outro. Mas não chegávamos propriamente a lado nenhum.

Deixo os sapatos no carro como quando fazia em miúda. Lá estão os primeiros passos desajeitados ainda no parque de estacionamento porque o passeio faz doer, mas depois há areia e fica tudo bem. A praia está completamente vazia hoje e, embora eu não esperasse montes de gente aqui, continua a ser surpreendente, como se apanhássemos a praia a dormir a sesta.

Não consigo impedir-me. Corro direitinha a ela, lanço-me em rodopios. «Minha», vem-me à cabeça. A praia é minha. O momento é meu. O Justin é meu. Não há ninguém — não há nada — que vá interferir nisso. Chamo o nome dele em voz alta, e é como se ainda cantarolasse uma canção.

Ele olha para mim um momento, e ocorre-me «Oh, não, é aqui que ele me diz que pareço idiota». Mas ele corre para mim, abraça-me, faz-me girar. Ele ouviu a canção, e agora dançamos. Rimo-nos e fazemos corridas para a água. Quando lá chegamos,

fazemos guerra de salpicos, a sentir a maré nas pernas. Baixo-me para apanhar conchas e o Justin faz o mesmo, em busca de cores que não sejam as mesmas quando secam, em busca de vidro marinho e espirais. A água sabe tão bem, sabe tão bem estar quieta, porque há um oceano inteiro a puxar-me e eu tenho força para ficar onde estou.

O rosto do Justin mostra-se sem defesas. O corpo está inteiramente descontraído. Nunca o vejo assim. Estamos a brincar, mas não é o tipo de brincadeira que os namorados fazem, onde há estratégias e pontuações e manobras secretas. Não, nós cortámos tudo isso rente com a tesoura.

Peço-lhe que faça um castelo de areia comigo. Conto-lhe como a Liza tinha sempre de ter o dela ao lado do meu. Ela fazia uma montanha enorme com um fosso à volta, enquanto eu fazia uma casa pequena cheia de pormenores com porta da frente e garagem. Em suma, eu fazia a casa de bonecas que nunca pude ter, ao passo que a Liza criava a fortaleza de que sentia precisar. Ela não tocava no meu castelo — não era o tipo de irmã mais velha que precisa de arrasar a concorrência —, mas também não me deixava tocar no dela. Deixávamo-los quando terminávamos, para serem levados pela maré. Por vezes, os nossos pais vinham ter connosco. A mim, diziam «Que bonito!» À Liza, diziam «Que alto!»

Quero que o Justin faça um castelo de areia comigo. Quero-nos a sentir como é criar algo juntos. Não temos pazinhas nem baldinhos. Temos de fazer tudo com as mãos. Ele leva a expressão «castelo de areia» à letra — começa com os alicerces em quadrângulo, cria uma ponte levadiça com um dedo. Eu trabalho nos torreões e nas torres — as varandas são precárias, mas os pináculos são possíveis. Em momentos aleatórios, ele elogia-me —

palavrinhas como «giro» e «jeitoso» e «fofo» — e eu sinto que a praia está, de algum modo, a destrancar este vocabulário da masmorra onde ele o guardou estes meses todos. Sempre senti — esperei, talvez — que as palavras lá estivessem algures. E agora sei que estão.

Não está assim muito calor, mas sinto o sol nas faces e no pescoço. Podíamos recolher mais conchas e começar a decoração, mas começo a fartar-me da construção e de me concentrar nela. Quando terminamos a última torre, sugiro que vamos dar uma volta.

— Estás contente com a tua criação? — pergunta ele, e eu respondo:

— Muito.

Vamos à água lavar as mãos. O Justin olha para a areia, para o nosso castelo, e parece perdido por momentos. Perdido, mas de uma maneira boa.

— O que foi? — pergunto.

Ele olha para mim, os olhos cheios de bondade, e responde:

— Obrigado.

De certeza que ele já me disse esta palavra antes, mas nunca assim, nunca de maneira a dar-me vontade de a recordar.

— Porquê? — pergunto, e quero dizer: «Porquê agora? Porquê finalmente?»

— Por isto — diz ele. — Por tudo isto.

Quero tanto acreditar nisto. Quero tanto acreditar que finalmente mudámos para o sítio onde sempre pensei que saberíamos chegar. Mas é simples de mais. A sensação é simples de mais.

— Não faz mal — diz ele. — Não faz mal estar feliz.

Há tanto tempo que anseio por isto. Não foi assim que imaginei, mas nunca nada é. Estou esmagada pelo quanto o amo.

Não o odeio em absoluto. Não há a mais ínfima parte de mim a odiá-lo. Só há amor. E não é aterrador. É o oposto de aterrador.

Estou a chorar porque estou feliz e estou a chorar porque acho que nunca me apercebi do quanto estava à espera de ser infeliz. Estou a chorar porque, pela primeira vez em muito tempo, a vida faz sentido.

Ele vê-me a chorar e não goza comigo. Não fica na defensiva, a perguntar o que fez desta vez. Não diz que já me tinha avisado. Não me manda parar com isso. Não, abraça-me e segura-me e pega nestas coisas que são apenas palavras e transforma-as em algo mais do que palavras. Consolo. Ele dá-me algo que eu posso realmente sentir — a sua presença, os seus braços.

— Estou feliz — digo, com medo de que ele pense que choro por qualquer outra razão. — A sério, estou.

O vento, a praia, o sol — tudo o resto nos envolve, mas o nosso abraço é que importa. Estou a abraçá-lo agora da mesma maneira que ele me abraça. Atingimos aquele equilíbrio perfeito, em que cada um de nós é forte e cada um de nós é fraco, cada qual a receber, cada qual a dar.

— O que se passa? — pergunto.

— Chiu — diz ele. — Não perguntes.

Não sinto perguntas — apenas respostas. Sem medo, apenas plenitude. Beijo-o e continuo o nosso equilíbrio perfeito lá, deixo os nossos hálitos separados tornarem-se num só. Fecho os olhos e sinto a pressão familiar dos lábios dele, o gosto familiar da boca dele. Mas há algo diferente agora. Não estamos apenas a beijar-nos de corpo inteiro, mas com algo que é maior do que os nossos corpos, algo que é quem somos e quem seremos. Estamos a beijar-nos com origem numa parte mais profunda

de nós, e estamos a encontrar uma parte mais profunda um do outro. Parece eletricidade a incidir na água, fogo a pegar em papel, a luz mais luminosa a bater-nos nos olhos. Passo as mãos pelas costas dele, pelo peito, como se precisasse de saber que ele está mesmo aqui, que isto está mesmo a acontecer. Demoro-me a acariciar a nuca dele. Ele demora-se a acariciar-me a anca. Enfia a mão dentro do cinto, mas ele faz-me voltar acima, beijame o pescoço. Eu beijo-o debaixo da orelha. Beijo-lhe o sorriso. Ele percorre-me o riso com beijos.

A desfrutar. Estamos a desfrutar disto.

Não faço ideia das horas que são, que dia é. Não tenho nada além do agora. Nada além do aqui. E é mais do que suficiente.

Por fim, a minha mão desliza-lhe pelo braço e encontra a mão dele. Ficamos assim uns segundos, ou talvez uns minutos, de mão dada, testa encostada, lábios suavemente juntos, esgotados de anseios porque se conseguiu alcançar tudo.

Depois afastamo-nos, mas continuamos de mão dada. Começamos a descer a praia, como fazem os casais. O tempo volta mas não de uma forma assustadora.

— Isto é espantoso — digo, mas depois até me encolho, porque é a isto que o Justin costuma chamar de «uma afirmação óbvia». Todavia, claro, neste dia, neste lugar, ele só faz que sim com a cabeça. Olha para o Sol, que se aproxima do horizonte. Acho que consigo ver um barco ao largo, mas pode ser só qualquer coisa flutuante, ou uma miragem.

Quero que cada dia seja assim. Não compreendo porque é que não pode ser.

— Devíamos fazer isto à segunda-feira — digo. — E à terça. E à quarta. E à quinta. E à sexta.

Estou a brincar. Mais ou menos.

— Iríamos fartar-nos — diz o Justin. — É melhor ter só uma vez.

Uma vez? Não sei a que se refere ele. Não sei como é que pode dizer uma coisa destas.

— Nunca mais? — pergunto. Não me quero enganar aqui. Não me quero mesmo nada enganar. Ele sorri.

— Nunca digas nunca mais.

— Eu nunca diria nunca mais — prometo-lhe.

Companhia. Agora já há outros casais na praia. Poucos, e todos mais velhos do que nós. Ninguém nos pergunta porque é que não estamos nas aulas. Ninguém nos pergunta o que estamos aqui a fazer. Antes pelo contrário, parecem contentes de nos ver. Faz-me sentir que o nosso lugar é aqui, que estamos certos em fazer o que estamos a fazer.

«É assim que isto vai ser», digo de mim para comigo. Depois olho para o Justin e penso «Diz-me que é assim que isto vai ser».

Não quero perguntar-lhe. Não quero ter de perguntar. É com frequência de mais que as minhas perguntas fazem descarilar tudo.

Não quero que isto seja frágil mas, ainda assim, trato-o como se fosse.

Estou a começar a sentir frio. Tenho de me lembrar de que não é verão. Quando estremeço, o Justin põe o braço à minha volta. Sugiro que vamos ao carro buscar a manta dos meles que ele tem no porta-bagagens. Por conseguinte, viramo-nos e arrepiamos caminho até onde começámos. O nosso castelo ainda lá está, ainda de pé, mesmo com o mar a aproximar-se mais.

Assim que pegamos na manta, levamo-la para a praia. Em vez de nos embrulharmos nela, estendemo-la na areia e deitamo-nos muito juntinhos. Estamos de barriga para cima a olhar

para o céu. Passam nuvens. De vez em quando, aparece um passarinho.

— Este só pode ser um dos melhores dias de sempre — digo. Sem virar a cabeça, ele põe a mão na minha.

— Conta-me doutros dias como este — pede ele.

— Não sei... — digo eu. Não consigo imaginar outro dia como este.

— Só um. O primeiro que te vier à ideia.

Penso nas alturas em que me senti feliz. Mesmo feliz. Feliz como balões pelo ar, e surge-me a recordação mais estranha. Não faço ideia porquê. Sei que tenho de lhe dar uma resposta, mas digo-lhe que é parvoíce. Ele insiste que eu lhe conte mesmo assim.

Viro-me e ele puxa-me a mão para o peito, deixa-a lá a fazer círculos.

«Ele está aqui. Isto é seguro.»

Digo-lhe:

— Não sei porquê, a primeira coisa que me vem à ideia é uma passagem de modelos para mãe e filha.

Faço-o prometer que não se ri. Ele promete. Acredito nele.

— Eu andava no quarto ano, ou coisa assim — digo. — A Renwick's estava a fazer uma angariação para as vítimas dos furacões, e pediram voluntários na nossa turma. Não pedi à minha mãe nem nada, inscrevi-me. Quando cheguei a casa com essas informações... bem, tu sabes como a minha mãe é. Ficou aterrada. Já custa bastante fazê-la ir ao supermercado. Uma passagem de modelos? À frente de estranhos? Era como pedir-lhe que posasse para a *Playboy*. Credo, que ideia pavorosa.

Há raparigas com mães que eram amigas da farra em novas, que se riam e gargalhavam e namoriscavam e vestiam roupa

justíssima. Eu não tenho uma mãe assim. A minha mãe era, parece-me, a mesma que é hoje. Tirando talvez nesta ocasião.

Conto ao Justin:

— Mas o certo é que ela não se recusou. Acho que só agora é que me estou a aperceber do que a fiz passar. Ela não me obrigou a ir à professora cancelar. Não, quando chegou o dia, fomos à Renwick's e depois seguimos para onde nos mandaram. Eu tinha pensado que nos vestiam roupa a combinar, mas não foi assim. Pelo contrário, disseram-nos que podíamos usar o que nos apetecesse em toda a loja. E assim foi, provámos montes de coisas. Eu fui logo aos vestidos, claro, era muito mais menina na altura. Acabei por ficar com um vestido azul-claro, cheio de folhos. Achei tão sofisticado.

— Deve ter sido muito elegante — diz o Justin. Eu bato-lhe a brincar.

— Caluda. Deixa-me contar a história.

Ele segura-me a mão sobre o peito. Antes de eu poder continuar, ele beija-me. Acho que a história pode ficar por aqui, mas ele volta a deitar-se e diz:

— Força.

Esqueço-me por segundos de onde estava porque, por momentos, saio da história e volto ao agora. Depois lembro-me: a minha mãe. A passagem de modelos.

— Então lá estava eu com o meu vestido de baile de finalistas — digo. — Depois foi a vez da minha mãe. Surpreendeu-me, porque também foi aos vestidos. Nem nunca a tinha visto toda arranjada. E acho que essa foi a coisa mais espantosa para mim: a Cinderela não era eu, era ela.

» Depois de escolhermos a roupa, maquilharam-nos e tudo. Achei que a minha mãe se ia passar, mas até gostou. Não fizeram

grande coisa com ela, apenas um pouco de cor. E não foi preciso mais nada. Ela era bonita. Sei que custa a crer, conhecendo-a agora. Mas, naquele dia, ela parecia uma estrela de cinema. As outras mães elogiavam-na. Quando chegou a altura da passarela mesmo, desfilámos e as pessoas aplaudiram. Eu e a minha mãe sorriámos, e foi verdadeiro, sabes?

Verdadeiro como isto é verdadeiro — o Justin apenas a ouvir-me, o céu por cima, a areia por baixo. É verdadeiro de uma maneira tão intensa que também não parece verdadeiro. Como se eu não fizesse ideia de que é possível sentir tanto de uma só vez, e que seja tudo verdade.

— Não pudemos ficar com os vestidos nem nada — continuo. — Mas lembro-me de, a caminho de casa, a minha mãe repetir que tinha sido ótimo. Quando chegámos a casa, o meu pai olhou para nós como se fôssemos extraterrestres, mas o mais fixe é que ele decidiu alinhar. Em vez de ficar todo esquisito, chamava-nos as suas supermodelos, e pedia-nos que desfilássemos para ele na sala, e assim fizemos. Rimo-nos à gargalhada. E pronto. Acabou o dia. Não sei bem se a minha mãe usou maquilhagem desde então. E não é que eu tenha vindo a ser supermodelo. Mas esse dia parece-se com este. Porque foi uma pausa de tudo o resto, não foi?

— Assim parece — diz o Justin, e a maneira como olha para mim... é como se tivesse percebido finalmente como eu sou verdadeira, como eu estou aqui. O que eu acabei de dizer não vale isso. O que significa que sou eu quem vale isso.

— Não posso crer que acabei de te contar isto — digo. É como se lhe desse hipótese de mudar de ideias.

— Porquê?

— Porque não. Sei lá. Parece tão tolo.

— Não — diz ele —, parece um dia bom.

— E tu? — pergunto. Sei que estou a abusar. Uma coisa é ele ouvir. Outra coisa é ele contar-me realmente uma história.

— Nunca entrei numa passagem de modelos de mãe e filha — diz ele.

A-hã. Se calhar não está a levar isto tão a sério, afinal. Bato-lhe num ombro e digo:

— Não. Conta-me doutro dia como este.

Bem vejo que ele está a pensar nisso. A princípio, acho que está indeciso quanto a contar, mas depois percebo que não, está só a tentar sair-se com uma resposta boa.

— Houve um dia, tinha eu onze anos — começa ele. Não está a olhar para o mar nem para mais nada, distraído. Está a olhar-me nos olhos, é a sua forma de dizer que a história é para mim. — Estava a brincar às escondidas com os amigos. Quer dizer, escondidas à bruta, de deitar abaixo. Estávamos na mata e, não sei porquê, decidi que tinha de subir a uma árvore. Acho que nunca tinha subido a nenhuma árvore antes. Mas encontrei uma com ramos baixos e comecei. A subir, a subir. Era tão natural como andar. Na recordação, a árvore tinha centenas de metros de altura. Milhares. A dado momento, passei as copas das árvores. Ainda subia, mas já não havia mais árvores à volta. Estava sozinho, agarrado ao tronco da árvore, a grande distância do chão.

» Foi mágico. Não há outra palavra para o descrever. Ouvi os meus amigos a berrarem quando eram apanhados, enquanto decorria o jogo. Mas eu estava numa onda completamente diferente. Estava a ver o mundo de cima, coisa extraordinária quando acontece pela primeira vez. Nunca tinha andado de avião. Nem sei se já teria estado num prédio alto. Lá estava eu, a pairar acima de tudo o que conhecia. Tinha chegado

a um sítio especial, e tinha conseguido tudo sozinho. Ninguém mo tinha dado. Ninguém mo mandara fazer. Tinha subido e subido e subido, e aquela era a minha recompensa. Contemplar o mundo, e estar sozinho comigo. Descobri que era mesmo disso que estava precisado.

Estou quase a chorar, a imaginá-lo ali. De vez em quando, ele conta-me qualquer coisa de quando era pequeno, mas nada como isto. Geralmente só me conta as coisas más. As coisas difíceis. Principalmente a título de desculpa.

Encosto-me a ele.

— Espantoso.

— Pois foi.

— E foi no Minnesota?

Quero mostrar-lhe que me lembro do que ele me conta — a mudança de toda a família, o frio que lá fazia — para ele sentir que me pode contar mais.

Também lhe quero contar mais. Quero sempre contar-lhe mais, mas agora que sei que ele me está a ouvir — a ouvir mesmo — significa algo diferente.

— Queres saber doutro dia como este? — pergunto, a aninhar-me mais, como se fizesse um ninho com os nossos corpos para poder apanhar todas as recordações.

Ele puxa-me mais para si, a assentar o ninho.

— Claro.

— A segunda vez que saímos juntos — digo-lhe.

— A sério? — Ele parece surpreendido.

— Lembras-te?

Não se lembra. É justo, porque não é que tivéssemos rotulado tudo e mais alguma coisa como saída de namoro. Quer dizer, houve montes de vezes antes da primeira saída em que estivemos

no mesmo sítio com outra gente, a namoriscar. Agora refiro-me à segunda vez em que chegámos juntos e saímos de lá juntos e passámos a maior parte do tempo juntos.

— Na festa do Dack? — digo.

— Pois...

Ainda nada.

— Não sei — digo eu. — Se calhar não conta como namoro, mas foi a segunda vez que dormimos juntos. Não sei, tu foste tão... amoroso. Não fiques zangado, está bem?

Não quero estragar tudo. Tenho medo de estragar tudo. Porque é que não sei parar quando as coisas estão bem? Mas nisto ele diz:

— Juro que não há nada que me possa fazer zangar neste momento. — E até se benze. Coisa que nunca, jamais, o vi fazer.

Sorriso. Não estou a estragar tudo. Não estou mesmo.

— Está bem — digo. — Pronto, ultimamente... É como se estivesses sempre com pressa. Tipo, fazemos sexo mas não somos propriamente... íntimos. Não me importo. Quer dizer, é divertido. Mas, de vez em quando, é bom que seja assim. Na festa do Dack foi assim. Como se tu tivesses o tempo todo do mundo, e quisesses que o tivéssemos juntos. Adorei. Foi no tempo em que tu olhavas mesmo para mim. Foi tipo... bem, foi como se subisses à árvore e me encontrasses lá em cima. E tivéssemos isso juntos. Mesmo que estivéssemos no quintal de outra pessoa. Num momento, lembras-te, fizeste-me chegar mais para um lado para ficar ao luar. «Ficas com a pele a brilhar», disseste. E senti-me assim. A brilhar. Porque estavas a olhar para mim, junto com o luar.

Nunca lhe disse tanta coisa seguida. Desde o princípio do namoro, nem sei bem se alguma vez deixei as palavras saírem

assim, sem as inspecionar primeiro. Pensava saber o que nós éramos, e isso bastava-me.

«O que é isto?», penso. Porque agora ele debruça-se e beijame, e está a tornar tudo romântico. Claro que o Justin tem sido capaz de fazer coisas românticas, mas nunca fez com que tudo parecesse romântico como agora. O universo, neste momento, é romântico. E eu quero. Quero tanto. Quero o toque dos lábios dele nos meus. Quero a maneira como bate o meu coração. Quero o ninho dele, o meu corpo no corpo dele. Quero porque é esse tipo de realidade irreal.

Há tantas outras coisas que podíamos dizer, mas não quero dizer nenhuma delas. Não é por ter medo de estragar tudo, mas sim porque, neste momento, tenho tudo. Não preciso de nada mais.

Fechamos os olhos. Ficamos nos braços um do outro.

Não sei como, mas chegámos àquele lugar melhor onde queremos sempre estar.

Nem sequer me apercebo de que estou a adormecer. Estamos simplesmente tão à vontade que parece-me que lá chegámos.

Nisto, toca o telemóvel, o som muitíssimo mais estridente do que o oceano. Sei quem é, e embora me apeteça não atender, não posso. Abro os olhos, solto-me do Justin, e atendo a chamada.

— Onde estás? — pergunta a minha mãe.

Vejo as horas. As aulas já acabaram há algum tempo.

— Fui a um sítio com o Justin — respondo.

— Bem, o teu pai vem a casa esta noite, e eu quero que jantemos todos juntos.

— Pode ser. Estarei em casa ainda antes disso. Daqui a uma hora, mais ou menos.

Assim que estas palavras me saem da boca, o relógio que tinha parado começa a andar outra vez. Odeio a minha mãe por ter causado isto, e odeio-me por ter deixado.

O Justin já está sentado na manta, olha para mim como se soubesse o que acabei de fazer.

— Está a fazer-se tarde — diz ele. Pega na manta e sacode-a. Depois dobramo-la juntos, aproximamo-nos e afastamo-nos e aproximamo-nos outra vez, até a manta ser só um quadrado. Geralmente enrolamo-la e atiramo-la para dentro do porta-bagagens.

É uma sensação diferente, fazer o caminho para casa. Já não é uma aventura, é simplesmente regressar a casa. Dou comigo a contar-lhe todas as coisas que ele nunca quer saber — os dramas nos namoros dos outros, a maneira como a Rebecca se está a esforçar para entrar numa escola boa e nos deixar a todos para trás (coisa que acredito piamente que ela deve fazer), a pressão que sinto para me sair bem também ou, pelo menos, o suficiente.

Passado um pouco, o sol já se pôs e os faróis estão acesos e as canções que escolhemos são as sossegadas. Encosto-me ao ombro dele e fecho os olhos, adormeço outra vez. Não tinha intenção, mas sinto-me tão à vontade. Geralmente encosto-me a ele para provar alguma coisa, para reivindicar alguma coisa. Mas agora... é só para o ter aqui. Para refazer aquele ninho.

Quando acordo, vejo que estamos a chegar a minha casa. Quem me dera que não.

A única maneira de não ficar deprimida é criar uma ponte entre agora e a próxima vez que estivermos assim. Não é preciso planear exatamente quando é que lá chegamos. Só preciso de saber que existe para lá chegarmos.

— Quantos dias te parece que poderíamos fazer gazeta antes de arranjarmos sarilhos? — pergunto. — Quer dizer,

se lá estivermos de manhã, achas que reparam mesmo se não estivermos à tarde?

— Acho que nos apanhavam — diz ele.

— Uma vez por semana, talvez? Uma vez por mês? A partir de amanhã?

Calculo que ele se ria disto, mas não, faz um ar incomodado. Não por mim, mas pelo facto de não poder dizer que sim. Grande parte do tempo, eu levo a mal a tristeza dele. Agora quase que levo a bem, um sinal de que este dia significou para ele o que significou para mim.

— Mesmo não podendo fazer isto, encontramos-nos para almoçar? — pergunto.

Ele faz que sim com a cabeça.

— E se calhar podemos fazer alguma coisa depois das aulas?

— Acho que sim — diz ele. — Quer dizer, não sei o que mais se vai passar. Não estou com cabeça para isso agora.

Planos. Talvez tenha razão, talvez eu esteja sempre a querer prendê-lo em vez de deixar acontecer.

— É justo — digo. — Amanhã será amanhã. Vamos terminar hoje num tom agradável.

Uma última canção. Uma última curva. Uma última rua. Por mais que se queira agarrar o dia, ele vai fugir-nos.

— Chegámos — digo quando vemos a minha casa.

«Vamos fazer sempre assim», apetece-me dizer-lhe.

Ele encosta o carro. Destranca as portas.

«Terminar num tom agradável», penso, para mim mesma e para ele.

É tão natural arrastar uma coisa boa para baixo. É preciso muito autodomínio para deixar ser o que é.

Dou-lhe um beijo de despedida. Ponho tudo nesse beijo, e ele retribui com tudo também. O dia rodeia-nos. Passa por nós, entre nós.

— Este é o tom agradável — digo-lhe quando terminamos. Antes de podermos dizer mais qualquer coisa, vou-me embora.

Ao serão, mesmo antes de ir dormir, ele telefona-me. Ele nunca me telefona — manda sempre SMS. Se quiser informar-me de alguma coisa, informa-me, mas raramente quer conversar.

— Então? — Atendo, algo sonolenta mas, principalmente, feliz.

— Então — diz ele.

— Mais uma vez obrigada por hoje — digo-lhe imediatamente.

— Pois — diz ele. Há qualquer coisa menos bem na voz dele. Qualquer coisa que descaiu.

— Ainda acerca de hoje?

Agora não estou feliz nem sonolenta. Estou bem acordada. Decido levar para a brincadeira, e digo:

— Vais dizer-me que não podemos faltar às aulas a cada dia? Nem parece teu.

— Pois — responde ele —, mas sabes, não quero que penses que cada dia vai ser como hoje. Porque não vai ser, está bem? Não pode ser.

É quase como se ele falasse consigo mesmo.

— Eu sei disso — digo-lhe. — Mas se calhar as coisas podem ser melhores mesmo assim. Eu sei que podem ser.

— Eu não sei. Só queria dizer isto. Eu não sei. Hoje foi bom, mas não é, tipo, tudo.

— Eu sei disso.

— Está bem.

— Está bem.

Ele suspira. Mais uma vez, tenho de me convencer de que esta tristeza não é dirigida a mim. Tem de ser dirigida ao facto de ele não poder estar comigo.

— Mais nada — diz ele.

Não sei o que hei de dizer. Se ele estiver ralado porque eu vou realmente esperar isto dele a cada dia... não pode pensar assim, pois não? Decido não insistir, e digo:

— Então vemo-nos amanhã.

— Vemos pois.

— Mais uma vez obrigada por hoje. Seja qual for o sarilho em que nos metermos amanhã, valeu a pena.

— Pois.

— Amo-te — digo-lhe.

Não é típico do Justin dizer «Amo-te» também. A maioria das vezes, detesta que eu diga e acusa-me de dizer só para ver se ele diz a seguir.

Por vezes, tem razão, mas não é por isso que eu digo esta noite. Quando ele reage dizendo «Dorme bem», chega muito bem para mim.

Não sei o que vai acontecer amanhã mas, por uma vez na vida, estou realmente ansiosa que o dia chegue.

## SEGUNDO CAPÍTULO

**A** minha mãe está à minha frente, como de costume, à mesa da cozinha. É como se achasse que eu ou o pai lhe roubamos o lugar se ela não chegar primeiro — e, se ela perder o lugar, onde é que irá passar o resto do dia?

— Estás bonita — diz-me. Seria elogio, se ela não soasse tão desconfiada.

Não lhe digo que tratei de estar bonita por ser hoje o primeiro dia do aniversário de tudo estar a melhorar. Ela acabava-me com esse prazer num instante.

— Tenho de fazer uma apresentação — conto-lhe. — Oral, na aula.

Sei que não me vai perguntar qual apresentação nem qual aula.

Ansiosa. Quero chegar à escola o mais cedo possível, para o ver. Espero que ele se esteja a sentir da mesma maneira em sua casa. Podia mandar-lhe um SMS a perguntar mas, se as coisas mudarem mesmo, então eu também posso mudar. Não é preciso saber tudo a todo o tempo.

Eu e a minha mãe continuamos a conversar, mas não estamos propriamente a ouvir-nos uma à outra. Eu quero ir-me embora, e ela quer ficar. É a história da nossa vida.

Tenho de apanhar o autocarro porque ainda tenho o carro na escola. Podia pedir boleia à Rebecca ou a alguém, mas depois teria de passar a viagem a falar de cenas em vez de pensar nelas.

O carro dele ainda não está lá quando chega o autocarro. Aliás, ele só aparece quando já chegou quase toda a gente.

Porém, desta vez, repara que eu estou à espera. Vem ter comigo. Diz bom dia.

Estou a fazer um grande esforço para não o assoberbar de felicidade. Ainda é tão cedo. Ele mal acordou.

— De certeza que não queres fugir? — pergunto. Só para puxar um bocadinho de ontem para hoje.

Ele faz um ar confuso.

— Estás a falar a sério?

— Não — respondo. — Mas uma miúda pode sonhar, não pode?

— Sei lá. — Ele começa a andar, na certeza de que vou atrás dele. E vou.

Estou a perceber. Acho que estou. Como não vamos fazer o mesmo hoje, provavelmente é melhor nem pensar nessa opção. Caso contrário, o que fizermos hoje vai parecer patético em comparação.

Dou-lhe a mão.

Ele não pega na minha.

— O que é que te deu? — pergunta ele.

«Ontem», apetece-me responder-lhe mas, pela maneira como ele vai a olhar em frente, calculo que não seja a altura certa.

Ele nem sequer espera para ouvir a resposta à pergunta.

Continua a andar.

Digo a mim mesma que não é o Justin Zangado. É o Justin Perdido. Tem de ser.

Quando se imagina alguém perdido, geralmente é em algum sítio do género da floresta. Porém, com o Justin, eu imagino uma sala de aula. Não é que ele tenha dificuldades de aprendizagem nem nada assim. Isso seria uma bela razão. Mas não. É uma seca para ele. Por conseguinte, não acompanha o que se vai passando. E só vai piorando, e ele só fica mais perdido, o que só faz com que ele odeie aquilo ainda mais.

Eu estou a tentar ficar na praia. Conforme os profes falam e eu e o Justin mal trocamos uma palavra entre a primeira e a segunda aula, estou a recordar-me de como foi. Estou a transformar a minha mente numa máquina do tempo, porque preciso mesmo disso.

Sei que a Rebecca me vai fazer um interrogatório cerrado na terceira aula, quando ficarmos ao lado uma da outra em Artes. É exatamente o que ela faz.

— Onde estiveste? — bichana ela. — O que é que aconteceu?

Artes é uma das poucas aulas que temos juntas, porque a minha escola gosta de separar os miúdos espertos dos que não são espertos, como se ter aulas comigo pudesse prejudicar as médias da Rebecca. Em Artes, alguns dos miúdos menos espertos podem vingar-se. Eu gosto de ter hipótese de estar com a Rebecca.

O stor K pôs o motor de um automóvel na parte da frente da sala e mandou-nos desenhá-lo a carvão. Diz-nos sempre que não podemos conversar enquanto trabalhamos mas, desde que não façamos muito barulho e lá vamos avançando, não é que ele se importe propriamente.

O motor da Rebecca está a ficar pior do que o meu, e sinto-me mal por me sentir bem com isso.

Conto-lhe que eu e o Justin fugimos para a praia. Digo-lhe que foi uma coisa espontânea e que foi maravilhoso.

— Devias ter-me convidado e ao Ben para irmos também — diz ela.

O Ben é namorado dela. Também é dos espertos. O Justin não gosta nada dele.

— Fica para a próxima — digo-lhe. Sabemos muito bem que não vai acontecer, mas não faz mal. A nossa amizade não precisa que ela falte às aulas, e não precisa que o Ben e o Justin se deem bem. Eu e ela temos um passado e não precisamos de muita coisa a acontecer no presente para sermos chegadas.

— Não estava frio? — pergunta ela.

— Frio de mais para ir ao banho — respondo. — Mas quentinho para lá estar.

Ela faz que sim com a cabeça. As coisas que eu lhe digo geralmente fazem sentido.

Só estou a omitir alguns pormenores.

Não sei bem se devo ir ter com ele ao cacifo como ontem, mas o hábito da hora de almoço leva-me para o refeitório primeiro, e lá está ele, no sítio do costume.

— Então? — digo.

Ele faz que sim com a cabeça. Eu sento-me.

— Alguém te disse alguma coisa de ontem? — pergunto-lhe.

— Quer dizer, não te meteste em sarilhos, pois não?

Ele molha uma batata frita em *ketchup*. Não vai comer mais nada ao almoço.

— Está tudo bem, acho eu — responde ele. — E tu?

— A Rebecca estava curiosa mas, até agora, foi só.

— A Rebecca? Curiosa? Ai que admiração.

— Ela disse que, da próxima vez, quer levar o Ben e ir connosco também.

— Não sei se o Ben nos deixa entrar no Mercedes. Devemos ter de descalçar os sapatos primeiro.

Houve uma vez que fomos a casa do Ben e ele nos pediu que nos descalçássemos antes de entrar. Eu e o Justin achámos um piadão. «Mas ele não saberá que as peúgas estão muito piores do que os sapatos?», perguntou o Justin na altura. Passou a ser uma das nossas piadas.

— Não contes nada à Rebecca — peço ao Justin. Ele finge que corre um fecho nos lábios. Descontraio-me.

Vou buscar o almoço e, quando volto, a Rebecca e umas amigas já estão à mesa, e eu e o Justin ficamos a fazer parte de uma grande conversa em vez de termos uma só nossa. Quando dá o toque, pergunto-lhe se podemos fazer alguma coisa depois das aulas, mas ele diz que não, que tem de trabalhar. Diz que eu já devia ter decorado os turnos dele. Ora, a Target manda-lhe o horário a ele, não a mim.

Não saliento este facto. Antes pelo contrário, lembro-me da sorte que tenho por não ter de trabalhar. Ainda não. Lembro-me de que o Justin detesta o trabalho que tem. Lembro-me de que ontem foi uma escolha, mas que nem todos os dias nos deixam escolher por nós.

O importante é que, quando ele teve hipótese, me escolheu a mim. E tenho de ter esperança de que, da próxima vez, ele me vai escolher novamente.

Ele manda-me um SMS quando volta para casa do trabalho.  
Duas palavras.

Dia comprido.

Respondo-lhe só com uma.

Pois.

Padrões. No dia seguinte, penso em padrões. Na realidade, penso apenas em altos e baixos. Estou habituada a altos e baixos. Na segunda-feira, quando fomos à praia, foi um alto. Isso vejo eu muito bem.

Porém, agora... não é alto nem é baixo. É como se tivéssemos desaparecido do gráfico.

Ele não está zangado comigo. Isso sinto eu muito bem. Mas o amor dele ficou passivo.

Não compreendo, e não tenho ninguém com quem falar disso. Com o Justin, não. De cada vez que falo na praia, é como se nunca tivesse acontecido. Com a Rebecca, não. Se lhe contasse mais, ainda podia soar tudo mais louco do que realmente é. Com a minha mãe, não. Eu e ela não falamos de altos e baixos, a fingir que não os temos.

Sei que vale a pena lutar pelo que eu e ele tivemos na segunda-feira, mas não tenho ninguém com quem lutar, e viro-me para mim mesma.

Sei que não foi imaginação minha.

Todavia, agora parece que fui remetida à minha imaginação.

DEPOIS DO ACLAMADO ROMANCE *A CADA DIA*,  
BESTSELLER DO NEW YORK TIMES, DAVID LEVITHAN  
CONTA A HISTÓRIA DA RHIANNON E DA SUA BUSCA  
DESESPERADA PELO AMOR VERDADEIRO.

Todos os dias da Rhiannon são iguais. Ela resignou-se com a vida, convenceu-se de que não merece mais do que um namorado distante e frio, o Justin, e até delimitou regras para a sua vida: não ser demasiado carente, evitar aborrecê-lo, nunca esperar demasiado.

Até que uma manhã muda tudo. De repente, e pela primeira vez, o Justin parece olhar para ela, querer estar com ela, e juntos vivem um dia perfeito — um dia perfeito de que o Justin não se recorda na manhã seguinte. Confusa, deprimida e desesperada por **mais um dia** tão inesquecível quanto esse, Rhiannon começa a questionar tudo.

Então, certo dia, um estranho diz-lhe que o Justin com quem ela passou esse dia, e que a fez sentir-se uma nova pessoa... não era o Justin.



Um livro que toca profundamente a imperfeição humana, os maus relacionamentos, a despropositada importância da aparência, a sexualidade ou a insignificância dos géneros.

## LEIA TAMBÉM:



«Este é um livro brilhante  
que vais adorar.»

JOHN GREEN

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8831-84-2



9 789898 831842

Romance Contemporâneo